

SOBRE A CONEXÃO DAS VIRTUDES EM TOMÁS DE AQUINO

João Hobuss

Universidade Federal de Pelotas

Um dos pontos fundamentais da ética de Tomás de Aquino é o problema a respeito da conexão das virtudes¹. Este texto tem uma pretensão bem modesta, qual seja, mostrar como tal questão é abordada na IaIIæ e na IIaIIæ da *Suma Teológica* (a *prima secundæ* estabelece os fundamentos da moral e elabora os seus conceitos principais, enquanto a *secunda secundæ* é um tratado das virtudes²) e no *Comentário sobre a Ethica Nicomachea*, e observar que a conexão das virtudes na ética tomista sustenta uma tese forte: se se possui uma virtude, possuir-se-á todas as outras.

* * *

I. O problema na *Summa Theologiae*

Serão as virtudes morais conexas? Este questionamento aparece na Questão 65, art. 1 da *Suma Teológica* (IaIIæ). Segundo Tomás, a virtude moral pode ser perfeita ou imperfeita, sendo (a) imperfeita quando aparece como uma simples inclinação, *per inclinationem*, ou seja, algo que faça o indivíduo agir bem, virtuosamente, fruto de uma inclinação ou costume. Ao contrário, (b) uma virtude

¹ Segundo Odon Lottin (*La Connexion des Vertus chez Thomas d'Aquin et ses Prédécesseurs*, p. 197), “o problema da conexão das virtudes não data da idade média”, desde Cícero tem-se a afirmação segundo a qual aquele que possui uma virtude possui todas as outras: a perda de uma implica perda de todas as outras.

² Tomás divide as virtudes em três: (a) intelectuais, (b) morais e (c) teológicas. A primeira aperfeiçoa a inteligência (o entendimento, a ciência, a sabedoria, a prudência – *recta ratio agibilium* – e a arte); a segunda aperfeiçoa a vontade, ou o apetite sensível, em busca do bem. Destas, quatro são cardiais (a prudência, que embora seja uma virtude intelectual dirige a vontade e a sensibilidade, determinado a eleição de meios para um fim, a justiça, a fortaleza, e a temperança). Por fim temos as virtudes

moral será perfeita a partir do momento em que for realizada segundo um hábito, um hábito que faz com que a ação dirija-se sempre no sentido de efetivar boas obras. No primeiro caso, não existirá conexão das virtudes. Só o segundo caso sustentará tal conexão. Isto porque a virtude moral, que assegura a retitude no que concerne à eleição, já que é um hábito eletivo, pressupõe não uma ação baseada na inclinação, mas antes requer a prudência, a garantia de que os meios adequados para realizar tal fim sejam, da mesma maneira, corretos. A recíproca é verdadeira, pois a prudência não pode operar à exclusão das virtudes morais, já que é a “reta razão do agir”, que tem como fundamento os fins da ação, fins postos pelas virtudes morais. Daí segue, que as virtudes morais, perfeitas, são conexas.

Obviamente, diz Tomás de Aquino, estas virtudes não estão todas postas no mesmo momento: é imprescindível que o indivíduo adquira o hábito no sentido de agir bem segundo todas as virtudes morais, não apenas conforme algumas em detrimento de outras. É claro que se pode ter a matéria de determinadas virtudes, e exercitá-las segundo o hábito, mas não é necessário possuir a *matéria* de todas as virtudes. Por exemplo, pode-se ter a matéria de algumas virtudes em ato, enquanto outras permanecem em potência: uma vez adquiridas as matérias de determinadas virtudes, ter-se-á as outras em potência. É o caso da liberalidade, pois sua posse moderada não dará ao indivíduo que a possui a virtude da magnificência, pois não terá meios abundantes para realizar esta virtude. Mas, quando provido de posses, esta magnificência, que estava antes em potência, *in proxima dispositione*, terá condições de ser realizada pelo simples fato de que a matéria antes ausente, existirá efetivamente³.

teologais, as quais elevam nossas faculdades superiores, a inteligência e a vontade, adequando-s ao nosso fim sobrenatural, Deus. São elas: a caridade, a fé e a esperança. São sobrenaturais (e infusas).

³ Ver também o *Commentary*, VI, 11, 1288: “However, it can happen that a man, having other moral virtues, may be said to be without one virtue because of the lack of matter, for example, someone good but poor lacks magnificence because he does not have the means to make great expenditures”. Mas este homem possui a prudência, e por esta razão, na medida em que estiver suficientemente provido de passes – ou da matéria antes ausente - ele poderá realizar a virtude da magnificência.

Logo, a conexão, no que tange às virtudes morais e à prudência, existe, pois uma não se dá sem a outra. A prudência depende da virtude moral, e a virtude moral depende da prudência, pois de algum modo o apetite move a razão, da mesma forma que a razão move o apetite⁴.

Agora, isto se dá no que diz respeito à relação entre as virtudes morais e a virtude intelectual da prudência. Mas, como se dá a relação destas virtudes morais com as virtudes teologais, especialmente a da caridade? Na questão 65, art. 2c, da *IaIIae*, Tomás de Aquino explicita tal problema.

As virtudes morais podem ser adquiridas pelo hábito, já que estão na alçada daquilo que pode ser efetivado pelo homem, pois adquiridas que são através da ação humana, podendo desta forma serem adquiridas independente da caridade. Mas enquanto modos de operação no sentido de alcançarem o bem em função do fim último, sobrenatural, elas não podem ocorrer sem a virtude teologal da caridade, pois tal fim não se dará pela simples execução de atos humanos, mas só a partir do momento em que são infundidos por Deus. Nem a prudência infusa pode existir sem a caridade, nem as outras virtudes morais sem a prudência. Segue-se que só as virtudes ditas infusas⁵ são passíveis de serem chamadas perfeitas, pois dirigem o

⁴ Na questão 58, art. 4c (*IaIIae*), Tomás afirma que é possível às virtudes morais prescindir de algumas das virtudes intelectuais, mas não do “intelecto e da prudência” (*non autem potest esse sine intellectu et prudentia*): “*Sine prudentia quidem esse non potest moralis virtus: quia moralis virtus est habitus electivus, id est, faciens bonam electionem. Ad hoc autem quod electio sit bona, duo requiruntur. Primo, ut sit debita intentio finis; et hoc fit per virtutem moralem, quae vim appetitivam inclinatur ad bonum conveniens rationi, quod est finis debitus. Secundo, ut homo recte accipiant ea quae sunt ad finem; et hoc non potest esse nisi per rationem recte consilientem, judicantem et praecipientem*”. Não há a possibilidade da existência da virtude moral sem a prudência (*Unde virtus moralis sine prudentia esse non potest*); esta é uma posição distinta daquela de Aristóteles, onde temos o *spoudaios* que possui a virtude moral – ‘natural’ - embora não possua a prudência. Quanto às virtudes intelectuais, exceto a prudência (*Non ergo prudentia potest esse sine virtute morali*, q. 58, art. 5), elas podem existir na ausência das virtudes morais: “*Dicendum quod aliae virtutes intellectuales sine virtute morali esse possunt*” (q. 58, art. 5c). Mas as virtudes morais e a prudência são indissociáveis, “pois o virtuoso julga retamente do fim da virtude (...)”; Logo, a razão reta dos nossos atos, que é a prudência, exige que tenhamos a virtude moral” (*Et ideo, ad rectam rationem agibilium, quae est prudentia, requiritur quod homo habeat virtutem moralem*, q. 58, art. 5c).

⁵ As virtudes podem ser adquiridas ou infusas. As primeiras são dirigidas pela razão natural e buscam o bem que seja honesto. No seu sentido pleno constituem o homem honesto perfeito, porém não são suficientes, pois não possuem os meios adequados para a bem-aventurança perfeita, sobrenatural: estes

homem ao fim verdadeiro. Então, as virtudes morais não podem existir sem a caridade, e a caridade, pode existir sem as virtudes morais⁶?

A caridade, por certo, é o princípio de todas aquelas obras que são boas, já que ela dirige o indivíduo para o fim supremo. Na posse da caridade todas as virtudes morais são infundidas, afinal pela posse destas, o homem realiza uma forma do agir bem. Logo, possuindo-se a caridade, todas as outras virtudes morais, e obviamente a prudência, vêm conexas: *as virtudes morais infusas estão conectadas não só pela prudência, mas também pela caridade*. Quem se vê destituído da caridade pela realização de algum pecado mortal, perde todas as virtudes morais infusas, pois, se a caridade é principal no que se refere à ordenação a um fim último, sendo, portanto, primordial em relação às virtudes morais, é verdade também que ela supõe necessariamente a existência destas últimas, que são as que, por sua relação com a prudência, especificam os meios adequados para a consecução do fim último. E a prudência infusa não tem sua condição de prudência efetivada, sem estar conectada com a caridade, pois lhe faltaria a relação com o primeiro princípio, que é também o fim último.

meios são dados pelas virtudes infusas. Por exemplo, há uma diferença entre a temperança adquirida e a temperança infusa: a primeira tem uma regra, um objeto formal e um fim diferentes da temperança infusa. O mesmo se dá para a prudência, como de resto para todas as outras virtudes. A virtude moral adquirida facilita o exercício da virtude moral infusa: elas virtudes morais adquiridas estão conexas com a prudência que as dirige, assim como as virtudes infusas estão conexas com a caridade (ver GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La Síntesis Tomista*, p. 329-331). A prudência adquirida, humana, está muitas vezes desamparada diante das vicissitudes da vida, o que não acontece com a prudência infusa, “ad bonnum fines totius vitae recte consiliatur, judicat et praecipit” (ELDER, L. *Autour de Saint Tomas d’Aquin*, T. II, p. 14). As virtudes infusas, pressupõe o plano da graça, são uma transposição sobrenatural das virtudes adquiridas, que lhes são análogas: as virtudes morais infusas buscam levar a vida moral à altura das virtudes teologais, pois elas buscam realizar aquilo que sobre o plano natural só existe imperfeitamente. Com isto, Tomás de Aquino estabelece uma analogia entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, pois os traços característicos das virtudes morais adquirida permanecem nas infusas, enquanto que sua estrutura mesma é transformada (ELDER, L. *Op. cit.*, p. 16).

⁶ *Summa Theologiae*, Questão 65, art. 3 (IaIIae): “Sed contra est quod per caritatem tola lex impletur: dicitur enim *Rom.*, 13 (8): *Qui diligit proximum, legem implevit*. Sed tota lex impleri non potest, nisi per amnes virtutes morales: quia lex praecipit de omnibus actibus virtutum ut dicitur in V *Ethic.* (lect II, III). Ergo Qui habet caritatem, habet omnes virtutes morales. Augustinus etiam dicit, in quadam epist. (CLXVII, c. III), quod caritas includit in se omnes virtutes cardinales”. “As virtudes são conexas. Portanto, quem tem a graça tem a caridade. Logo, tem todas as virtudes, entre as quais a prudência” (NASCIMENTO, C.A.R. *A Prudência segundo Santo Tomás de Aquino*, p. 383).

Por conseqüência, as outras duas virtudes teologais, fé e esperança, embora possam de algum modo existir sem a caridade, não terão sua condição de virtude perfeita realizada sem a presença desta. Mas, da mesma forma, a caridade não terá condições reais de existência sem estar conectada com a fé e a esperança⁷. As virtudes teologais da caridade, fé e esperança, estão ordenadas para Deus, pois estão dispostas no sentido de aperfeiçoar o homem para os atos dirigidos para a bem-aventurança, bem-aventurança dupla⁸: (i) a que o homem pode chegar segundo sua natureza específica e, (ii) a que extrapola a própria condição humana, sendo que ele só pode alcançá-la com a ajuda divina, “mediante certa participação da divindade”. Os princípios que permitem que o homem atinja a bem-aventurança perfeita (ii), são as virtudes teologais, pois é de sua essência ter Deus por objeto, já que por elas todos se vêm ordenados retamente a Deus, já que são infundidas por ele, sendo conhecidas apenas pela revelação. As virtudes teologais tem objetos distintos das virtudes morais (e intelectuais), pois visam a Deus, enquanto as últimas aperfeiçoam a natureza própria do homem, ou seja, o entendimento e o apetite⁹.

Na *IIaIIæ*, a coerência é mantida. Não é possível supor alguém virtuoso sem a prudência¹⁰: neste sentido Tomás refere-se a São Gregório, para quem as virtudes que não realizadas prudentemente não são virtudes. As virtudes, necessariamente devem guardar conexão entre si¹¹, sendo que aquele que possuir uma virtude possuirá todas

⁷ Questão 65, art. 5c (*IaIIæ*): “Et sic caritas sine fide et spe nullo modo esse potest”, nem a fé sem a esperança e a caridade (Ergo caritas non potest haberi sine fide et spe, q. 65, art. 5).

⁸ Questão 61, art. 1 ad 2 (*IaIIæ*): “Dicendum quod virtutes theologice sunt supra hominem; ut supra (q. 58, a. 3, ad 3: “Dicendum quod fides, spes et caritas sunt supra virtutes humanas: sunt enim virtutes hominis, prout est factus particeps divinae gratiae”) dictum est. Unde non proprie dicuntur virtutes humanae; sed superhumanae, vel divinae”.

⁹ Sobre o plano da vida moral, “tudo está ligado, pois todos os atos procedem do amor do mesmo bem e acabam na alegria (se o fim é errado, na tristeza). A caridade é a forma de todas as outras virtudes, como a prudência é, ao seu modo, de toda as virtudes morais” (ELDER, L. *Autour de Saint Tomas d’Aquin*, T. II, p. 13).

¹⁰ *Summa Theologiae*, Questão 47, art. 14 (*IIaIIæ*): “Sed contra est quod nullus habet gratiam, nisi sit virtuosus. Sed nullus potest esse virtuosus, nisi habeat prudentiam: dicit enim Gregorius in *II Moral.* (cap. XLVI), quod *caetere virtutes, nisi, ea quae appetunt, prudenter agant, virtutes esse nequaquam possunt*. Ergo omnes habents gratiam habent prudentiam”.

¹¹ Tomás deixa isto evidente na solução da questão 47, art. 14c: “Dicendum quod necesse est virtutes esse connexas, ita ut qui unam habet omnes habeat, ut supra (*IaIIæ*, q. 65) ostensum est. Quicumque

as outras. A prudência em questão é a prudência infusa (cristã): esta prudência infusa supõe a realidade humana natural¹².

II. O problema no *Comentário sobre a Ethica Nicomachea*

A conexão das virtudes não assume um novo estatuto no *Comentário*. Na leitura 4, do livro VI¹³, Tomás de Aquino começa afirmando que os princípios da prudência são fins cuja retitude é assegurada pelas virtudes morais. O mesmo se dá com as virtudes morais, pois enquanto a prudência garante a bondade dos meios, as virtudes morais garantem a retitude do fim, isto é, a obra da virtude é assegurada por ambas, tanto a prudência quanto as virtudes morais¹⁴: “duas coisas são asseguradas na obra da virtude. Uma é que o homem tenha uma intenção correta para o fim, o que a virtude moral providencia, inclinando a faculdade apetitiva para um fim próprio. A outra é dada pela prudência, a qual dá bons conselhos, julga, e ordena os meios para o fim”¹⁵. Ambas são partes essenciais das ações virtuosas, a prudência aperfeiçoando a parte racional, e a virtude moral a parte apetitiva. A prudência não pode existir sem virtude moral, bem como a virtude moral não pode existir sem a prudência.

A virtude moral é a responsável pela escolha correta tendo em vista a intenção do fim, mas o que é feito para o fim não é da alçada da virtude moral, mas de um

autem habet gratiam, habet caritatem. Unde necesse est quod habeat omnes alias virtutes. Et, ita, cum prudentia sit virtus, ut ostensum est (a. 4), necesse est quod habeat prudentiam”.

¹² NASCIMENTO, C.A.R. *Op.cit.*, p. 383.

¹³ *Commentary*, VI, 4, 1172-3: ‘the principles of prudence are ends in regard to which rectitude of judgment is preserved by the moral virtues. Hence prudence, which is concerned with things good for man, necessarily has joined with it the moral virtues preserving its principles’ (1172); ‘the same is true of the moral virtues. This is true because for prudence there is required a rectitude of the appetitive faculty concerning the ends, in order that its principles be preserved’.

¹⁴ *Commentary*, VI, 10, 1268.

¹⁵ *Commentary*, VI, 10, 1269: “Two things are needed in a work of virtue. One is that a man have a right intention for the end, which moral virtue provides in inclining the appetitive faculty to a proper end. The other is to be well disposed towards the means. This is done by prudence, which gives good advice, judges, and orders the means to the end”. Neste sentido tanto a prudência quanto a virtude moral são imprescindíveis para a consecução da ação virtuosa, “prudence perfecting the part rational by essence, and moral virtue perfecting the appetitive part, rational by participation”.

princípio operativo que estabelece os meios para o fim¹⁶. Este princípio, a prudência, não é uma astúcia ou uma habilidade que permite estabelecer os meios para um fim, não importando que este seja bom ou ruim¹⁷: ela sempre estabelece os meios adequados, bons, para que um fim, também bom, pois garantido pela virtude moral, seja efetivado. Ao homem prudente pertence o caráter de bem raciocinar a respeito de problemas práticos, sendo incorreto afirmar que alguém tenha esta característica sem possuir virtude moral. Então, já foi visto, que a prudência não existe sem virtude moral. Cabe agora especificar porque não existe a virtude moral sem a prudência.

Na parte apetitiva da alma, existem, segundo Tomás de Aquino, dois princípios de operação relativos aos problemas morais¹⁸:

- (a) a virtude natural; e
- (b) a virtude moral.

Quanto a (b), não pode existir sem a prudência. O significado de (a) é claro, e remete-se ao livro II, 1 da *Ethica Nicomachea*, onde Aristóteles afirma que as virtudes não são dadas por natureza, embora a natureza tenha dado as condições para desenvolvê-las. São naturais, pois o homem tem alguma inclinação natural para ser justo, bravo, magnânimo, mas estas virtudes, ditas naturais, não o são em sentido pleno, isto é, não são virtudes perfeitas. As virtudes perfeitas¹⁹ são aquelas

¹⁶ *Commentary*, VI, 10, 1271: “But the things designed by nature to be done for the end do not pertain to moral virtue but to some other power, i.e., to a certain other operative principle that discovers ways leading to ends”.

¹⁷ Seria uma prudência natural, uma sagacidade natural, que não é ainda virtude, é um germe da virtude – dados por natureza –, que leva indiferentemente ao bem e ao mal. Só tornar-se-á virtude quando o julgamento estiver garantido contra todo o erro. Isto ocorrerá quando houver a conexão da prudência com a virtude moral, no exato momento em que estarão garantidas a bondade dos meios e a retitude do fim (LOTTIN, O. *Op. cit.*, p. 233). A prudência natural só será virtuosa se o fim perseguido for bom (p. 248).

¹⁸ *Commentary*, VI, 11, 1280: “As then in the discursive part of the soul there are two kinds of principles of operation, viz., shrewdness and prudence, so also in the appetitive part pertaining to moral matters there are two kinds of principles, viz., natural virtue and moral, the principal virtue. The latter cannot come into being without prudence, as has been indicated”.

¹⁹ Tomás de Aquino tem em mente a distinção operada por Aristóteles em VI 13 da *EN*. Ali, Aristóteles afirma existir uma virtude moral natural e uma virtude própria, que é a virtude moral

acompanhadas de prudência, ou seja, aquela onde supõe mutuamente, as virtudes morais e a prudência. Sendo a prudência a reta razão, enquanto a virtude moral é um hábito acompanhado de reta razão (a prudência): a virtude moral está de acordo com a razão, bem como é acompanhada de razão. Não é possível, de maneira alguma, um homem ser bom em sentido pleno, ou seja, possuir virtude moral, sem possuir a prudência, nem ser prudente sem possuir a virtude moral (perfeita). Uma é a disposição em vista do fim, a outra, dirige os meios para o fim²⁰.

Esta argumentação permite a Tomás estabelecer a seguinte tese: um homem pode estar inclinado a agir segundo uma determinada virtude, para a qual está naturalmente disposto, e não outra, podendo então adquirir a primeira, mas nunca a segunda. Isto é possível quando se fala da virtude natural (imperfeita), mas não quando se tem em mente a virtude moral (acompanhada de prudência) perfeita. De acordo com esta, um homem pode ser chamado bom sem qualificação, é o caso do prudente, já que possuirá reciprocamente virtude moral e prudência. Ao se possuir a prudência, se possuirá *todas* as outras virtudes morais. E é uma prudência única, concernida com a matéria de todas as virtudes morais, pois estivesse concernida com a matéria de cada uma das virtudes morais particulares, existiriam diferentes espécies de prudência, para cada uma das matérias relativas a cada uma das virtudes morais, o que inviabilizaria a defesa de uma conexão das virtudes tal qual a defendida por Tomás de Aquino, pois cada uma das virtudes não estaria impedida de existir separadamente de cada outra, já que teria uma prudência específica relacionada a ela.

natural (aquelas especificadas pela lista de virtudes) mais a prudência, prudência que funciona no sentido de dar razões para as ações.

²⁰ *Commentary*, VI, 11, 1289: “The reason is that moral virtue makes the disposition in regard to the end, while prudence directs the means to the end”.

Isto é impossível, pois os mesmos princípios de uma prudência, única²¹, serão aplicados à totalidade da matéria moral²². Logo, “todas as virtudes morais estão conectadas entre si pela prudência”²³.

* * *

Conclui-se do exposto que existe em Tomás de Aquino, tanto na *Summa Theologiae*, como nos *Comentário sobre Ethica Nicomachea*, uma tese forte a respeito da conexão das virtudes, tanto no plano, natural, das virtudes morais adquiridas, como no plano, sobrenatural, das virtudes morais infusas: quem possui uma virtude possui todas as outras. Sendo que as virtudes morais infusas estão conectadas com as virtudes teologais: quem possui a caridade possui todas as outras virtudes (infusas)²⁴.

²¹ LOTTIN, O. *Op. cit.*; p. 233: “só há uma prudência, comum a todas as virtudes, pois seu objeto é único, o bem moral a realizar em todo o ato submetido ao império da razão”.

²² *Commentary*, VI, 11, 1287: “So when there is prudence, which is a single virtue, all the virtues will be simultaneous with it, and none of them will be present if prudence is not there”.

²³ *Commentary*, VI, 11, 1288: “Therefore, all moral virtues are connected one with the other by prudence”

²⁴ Não é o ponto deste trabalho, mas uma boa crítica a respeito da conexão das virtudes em Tomás de Aquino é a de Peter Geach em *Las Virtudes*, especialmente nas pp. 186-195. Um ponto interessante que surge da concepção tomista é se podemos atribuir uma tese de tal forma contundente a Aristóteles: não há possibilidade de fazer tal abordagem no momento, embora em algumas passagens da *Ética Nicomachea* (especialmente nos livros VI e VII) Aristóteles pareça abraçar uma tese forte a este respeito. É factível que um olhar mais atento a respeito possa livrar a ética aristotélica de uma visão que poderia, em última análise, afastar, ou até mesmo tornar inviável ao homem, o ser virtuoso. Talvez uma tese moderada esteja mais conforme à elaboração moral de Aristóteles. De qualquer forma, existe uma boa discussão a respeito, tais como os artigos *Disunity in the Aristotelian Virtues* de T.H. Irwin (*Oxford Studies in Ancient Philosophy*, supplementary volume, 1988, pp. 61-78, seguido de um comentário de Richard Kraut [pp. 79-86] e uma resposta de Irwin ao comentário [pp. 87-90]), bem como o de Marco Zingano, *La Connexion des Vertus chez Aristote* (a ser publicado).

Bibliografia

a) De Tomás de Aquino

TOMÁS DE AQUINO. *Summa Theologiae* Milano: Editiones Paulinæ, 1988.

_____. *Suma de Teologia*. Madrid: BAC, 1995. 5 vol.

_____. *Suma Teológica* (ed. bilígue/trad. Alexandre Corrêa). 11 vol. Caxias do Sul: EST/Sulina/UCS, 1980.

_____. *Commentary on Aristotle's Nicomachean Ethics* (trad. C.I. Litzinger, O.P.). Notre Dame: Dumb Ox Books, 1993.

b) Bibliografía de Apoio

ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea* (ed. I. Bywater). Oxford: Oxford Classical Texts, 1942.

_____. *L'éthique à Nicomaque* (trad. Gauthier e Jolif). Introduction, traduction et commentaires. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1970 . 4 Vol.

ELDER, Léon. *Autour de Saint Tomas D'Aquin* (Tome I). Paris: FAC-éditions, 1987.

_____. *Autour de Saint Tomas D'Aquin* (Tome II). Paris: FAC-éditions, 1987.

GARRIGOU-LAGRANGE, R. *La Síntesis Tomista*. Buenos Aires: Desclée, De Brouwer, 1946.

GEACH, Peter T. *Las Virtudes* Pamplona: Eunsa, 1993.

GERHARD, William A. The Intellectual Virtue of Prudence. IN: *The Tomist VIII* (4). New York: Sheed and Ward, 1945.

KRETZMANN, N & STUMP, E (ed.). *The Cambridge Companion to Aquinas* Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LOTTIN, Odon. La Connexion des Vertus chez Thomas d'Aquin et ses Prédécesseurs. In: *Psychologie et Morale aux XII et XIII Siècles*. Louvain: J. Duculot, Éditeur, 1949.

_____. Les Débuts du Traité de la Prudence au Moyen Âge. In: *Psychologie et Morale aux XII et XIII Siècles*. Louvain: J. Duculot, Éditeur, 1949.

NASCIMENTO, Carlos A.R. A Prudência Segundo Santo Tomás de Aquino. IN: *Síntese* 20 (62). São Paulo: Loyola, 1993.

ROVIGHI, Sofia V. *Introduzione a Tomaso d'Aquino*. Roma-Bari: Laterza, 1992.